

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

O Centenário do Cinema de Animação Português

21 de setembro de 2023

Programa Animação e Música

DAS GAVETAS NASCEM SONS (2017)

Realização e Criação Gráfica: Vítor Hugo Rocha / **Fotografia:** Jorge Quintela, Vítor Pires / **Música:** Gustavo Costa, Henrique Fernandes, João Martins, Ana Luísa Veloso, Andrea Martignoni / **Animação 2D:** Diana Peixoto, Paulo D’Alva, Vítor Hugo Rocha, Tania Duarte e Vítor Pires / **Intercalação:** Beatriz Lickford / **Pintura:** Diana Peixoto, Dimitir Mihajlovic, Vítor Pires / **Traçagem:** Joana Ribeiro, Paulo Portugal / **Composição:** Dimitri Mihajlovic / **Som:** Pedro Marinho, Vítor Hugo Rocha, Vasco Carvalho / **Produção:** Rodrigo Areias, Bando à Parte / **Cópia:** digital (DCP), a cores / **Duração:** 7 minutos.

É PRECISO QUE EU DIMINUA (2016)

Conceção e realização: Pedro Serrazina / **Animação:** Pedro Serrazina, Yue Wang, Gonçalo Encarnação, João Fortuna / **Intercalação:** Mariana Amaral, Márcia Mauricio, Joana Toste / **Edição:** Carlos Soares / **Letra e Música:** Samuel Úria / **Produção:** Pedro Serrazina e Paulo Salgado, Vachier / **Cópia:** digital (DCP), a preto e branco / **Duração:** 4 minutos.

COMPOSITIO III (2012)

Guião geral e coordenação do projeto: Miguel Pires de Matos / **Argumento, storyboard, realização e animação:** Sandra Ramos (Compositio I), Bernardo Sarmento, Silvia Namorado (Compositio II), Miguel Pires de Matos, Miguel Simas (Compositio III) / **Música e desenho de som:** Carlos Caires / **Fotografia:** Miguel Simas / **Montagem:** Miguel Pires de Matos, Miguel Simas / **Tratamento de Imagem:** Bernardo Sarmento, Miguel Simas, Diogo Barreiras / **Produção:** Sandra Ramos, Bernardo Sarmento, Silvia Namorado, Miguel Pires de Matos e Miguel Simas. Mostra Festival, Triaxis, EGEAC / **Cópia:** digital (DCP), a cores / **Duração:** 8 minutos.

STUART (2006)

Ideia original, conceito, storyboard e adaptação gráfica: Zepe (José Pedro Cavalheiro) / **Argumento:** Zepe (José Pedro Cavalheiro) baseado na obra gráfica de Stuart de Carvalhais / **Montagem:** Nuno Amorim / **Música e som:** Paulo Curado / **Animação:** Armando Coelho, Carina Beringuilho, Cristiano Salgado, Emanuel Militão, José Miguel Ribeiro, Osvaldo Medina, Sofia Cavalheiro, Yann Thual / **Intercalação:** Laura Carvalhosa, André Militão, Cathy Douzil, Sofia Cavalheiro / **Traçagem:** Laura Carvalhosa, Cathy Douzil, Sofia Cavalheiro, Patricia Andrade / **Produção:** Luís da Matta Almeida, Animais AVPL, Zeppelin Filmes / **Cópia:** digital (DCP), a preto e branco / **Duração:** 11 minutos.

VÁRZEA – DISLATE DE PÁSSARO (2010)

Realização, desenhos e animação: José Manuel Xavier / **Poema e música:** Armando Servais Tiago/ **Produção:** OH! Animation / **Cópia:** digital (DCP), a preto e branco / **Duração:** 2 minutos.

VERDES ANOS (2016)

Realização e animação: Aude Fauconnier / **Música:** Carlos Paredes / **Poema:** Pedro Tamen / **Interpretação Musical:** Mariana Abrunheiro / **Cópia:** digital (DCP), a cores / **Duração:** 5 minutos.

SMOLIK (2009)

Realização, argumento e montagem: Cristiano Mourato / **Música e som:** Fernando Mota / **Animação:** Cristiano Mourato, Quest Animation / **Produção:** Cristiano Mourato / **Cópia:** digital (DCP), a preto e branco / **Duração:** 8 minutos.

CINEGIRASOL (2016)

Realização e animação: Bruno Caetano, Rui Telmo Romão / **Argumento:** Nuno Markl / **Música:** Os Azeitonas / **Direção de fotografia:** Rui Telmo Romão / **Direção de arte:** Ana Bossa / **Construção de marionetas:** Paula Custódio, Ricardo Mata / **Construção de cenários e adereços:** Ana Bossa, Ana Esteves, Paula Custódio, Ricardo Mata / **Pós-produção:** Luís Soares, Sara Boiça / **Produção:** Bruno Caetano, Col.A e EasyLab / **Cópia:** digital (DCP), a cores / **Duração:** 5 minutos.

O FADO DO HOMEM CRESCIDO (2017)

Realização, montagem, autoria gráfica, storyboard e layouts: Pedro Brito / **Argumento:** João Paulo Cotrim / **Composição musical:** João Lucas / **Mistura Composição Musical:** José Fortes / **Sonoplastia e Mistura Áudio:** Paulo Curado / **Voz:** António Zambujo / **Guitarras:** António Zambujo e Bernardo Couto / **Animação:** Osvaldo Medina / **Traçagem:** Andreia Páscoa e Élio Machado / **Scan, Pintura e Processamento de imagem:** Luís Canau, Vânia Armado, Élio Machado / **Montagem:** Pedro Brito / **Produção:** Humberto Santana / **Cópia:** digital (DCP), a cores / **Duração:** 5 minutos.

E LUCEVAN LE STELLE (1993)

Realização e animação: José Abel / **Música:** excerto de Tosca de Pucicni interpretada por Carlo Bergonzi / **Coloração:** Maria Nemeth / **Décores:** Christophe Vallaux / **Cópia:** digital (DCP), a cores / **Duração:** 4 minutos.

TIO TOMÁS - A CONTABILIDADE DOS DIAS (2010)

Realização, ideia e storyboard: Regina Pessoa / **Música e design de som:** Normand Roger / **Orientador de guião:** Andreas Hykade / **Animação:** Regina Pessoa, André Marques, Alexandre Braga, Sylvie Trouvé, Dale Hayward, Marc Robinet, Soukaina Najjarane, Nils Delot / **Pintura:** Regina Pessoa, Saram Naves, André Marques, Alexandre Braga / **Vozes:** Regina Pessoa e Abi Feijó / **Composição:** Nicolas Liguori, / **Montagem:** Abi Feijó / **Produção:** Ciclope Filmes, Office National du Film du Canada, Les Armateurs / **Cópia:** digital (DCP), a cores / **Duração:** 13 minutos.

Sessão com apresentação e seguida de debate

Enquadrado no ciclo dedicado ao Centenário do Cinema de Animação Português, este programa de curtas-metragens apresenta uma seleção de onze filmes desenvolvidos ao longo dos últimos trinta anos (entre 1993 e 2018), nos quais a música e os efeitos sonoros desempenham um papel narrativo ou expressivo destacado.

Em 1993, José Abel realiza a curta-metragem *TOSCA: E LUCEVAN LE STELLE*, inspirado na ária homónima da ópera de Puccini, criada como segmento para o filme *L'OPERA IMAGINAIRE*, que tinha como objetivo dar a conhecer as mais famosas obras da canção lírica ao público infantojuvenil. A animação em desenho retrata, numa atmosfera misteriosa e inquietante, as últimas horas de vida de Cavaradossi, observadas pelo anjo da morte, enquanto o Barão Scarpia tenta aproximar-se da sua amada Tosca. *CINEGIRASOL*, filme realizado como videoclípe para a canção homónima de Os Azeitonas, leva ainda mais longe esta relação entre a música e o mundo cinematográfico, numa obra recheada de referências a grandes clássicos da sétima arte. Uma animação em stop-motion que se baseia na história de António Feliciano, o último projecionista de cinema itinerante da Europa, que viajava pelo Alentejo com o seu Cinegirassol, projetando nas praças das vilas “épicas aventuras e arrebatadores romances”. A música – neste caso, a célebre obra de Carlos Paredes, inevitavelmente associada ao homónimo filme de Paulo Rocha – é também inspiração para o filme de Aude Fauconnier: *VERDES ANOS*. Aqui, a força trágica da guitarra de Paredes dá lugar à delicadeza do som do piano, do xilofone e do vibrafone, completados pela voz de Mariana Abrunheiro que canta o poema de Pedro Tamen. Fauconnier cria uma animação em aquarela, que retrata o amor jovem de um homem e uma mulher. As duas figuras envolvem-se numa dança, um movimento que se traduz numa metamorfose análoga ao ciclo de renovação da vida natural.

VÁRZEA- DISLATE DE PÁSSARO é uma homenagem ao artista Armando Servais Tiago, autor da música e do poema que inspiraram o filme. A animação é criada a partir dos desenhos em papel, das partituras e das palavras que compõem e estruturam o poema, montados ao ritmo da música. Esta tendência para agregar diferentes elementos artísticos está também presente em *SMOLIK*, filme em que Cristiano Mourato combina desenho digital, pintura, caligrafia (inteligível), dança e performance, música e sonoplastia. Nesta obra, os desenhos são combinados de forma a gerar movimentos fluídos que evocam os gestos da dança contemporânea e da performance. Em *SMOLIK*, como em *VERDES ANOS*, o contacto entre duas figuras misteriosas é marcado pelo movimento [que traduz sentimentos e emoções], que implica passagem de tempo e, por isso, transformação. No filme de Mourato, as emoções ingénuas e ternas de *VERDES ANOS*, dão lugar a um ambiente marcado pelo confronto e a oposição: uma figura ataca a outra e os sussurros iniciais transformam-se em gritos, o conflito dissolve-se e dá lugar à reconciliação.

É PRECISO QUE EU DIMINUA é uma animação em desenho a preto e branco que ilustra a canção homónima de Samuel Úria. Mais do que representar visualmente a canção, o realizador procura interpretar as palavras e a música de Úria, expandindo o seu significado, “elevando e explorando novos caminhos para o tema”. Numa obra sobre “a vontade adiada de despojamento”, o protagonista trava uma luta constante entre o desejo de crescimento pessoal e prosperidade, e a necessidade de encontrar espaço para os outros na sua vida. O casulo que o oprime vai-se tornando cada vez mais exíguo, impelindo o protagonista a sair para o mundo, que aqui se mostra como uma reconhecível Lisboa. A mesma cidade que encontramos representada, com uma atmosfera soturna e sombria, nos desenhos de Stuart de Carvalhais. O filme de Zepe, uma homenagem ao célebre e multifacetado Stuart, conduz o espectador por deambulações pela cidade, sem uma linha narrativa: seguimos um homem misterioso que corre pelas ruas, entramos numa tasca, acompanhamos uma multidão onde se distinguem os famosos personagens Quim e Manecas. Em *STUART* é a música a apontar a tonalidade emotiva, variando entre o dramático e misterioso som do *glissando*, e as notas divertidas que acompanham as aventuras dos rapazes endiabrados que tentam roubar a lua.

COMPOSITIO III é uma animação experimental cujo nome evoca o título de uma famosa composição de Piet Mondrian. *COMPOSITIO III* é uma obra construída em diversas camadas e tendo como ponto de partida a arte e o cinema abstratos, bem como os princípios, as influências e a herança da Bauhaus. O filme divide-se, estruturalmente, em três segmentos, cada um deles com uma realização independente. O primeiro segmento explora a linguagem visual do expressionismo, com as suas cores intensas, traços grossos e linhas curvas, e ainda alguma figuração (como a referência a *O Grito*, de Munch). O segundo segmento, inspirado no movimento construtivista russo que influenciou o *De Stijl* e a Bauhaus, apresenta uma animação em stop-motion em que as figuras vão sendo construídas através da combinação de diferentes objetos e elementos,

esculturas criadas pela agregação dos vários componentes; verifica-se aqui um foco nas figuras geométricas e uma redução das cores ao vermelho, amarelo e azul, característicos das composições de Mondrian. O último capítulo explora a relação entre a música e a arquitetura. Partindo da figura de um edifício desenhado por Eduardo Souto de Moura, o realizador constrói uma animação digital composta por elementos simples, que se assemelham à obra *Ritmo de uma dança russa*, de Theo Van Doesburg. O último segmento de COMPOSITIO III revela essa relação entre o ritmo da música e a transformação da imagem, ambos governados por um “processo linear de adição”.

Em DAS GAVETAS NASCEM SONS uma peça de mobiliário transforma-se num instrumento sonoro composto por gavetas, caixas e objetos quotidianos. Penetramos esse móvel de madeira, acompanhados de um som misterioso, como se navegássemos as nossas próprias memórias, encontrando esses jogos e objetos de infância há tanto tempo esquecidos. Num exercício análogo ao da mente humana, as imagens surgem rapidamente, de forma aparentemente desconexa, e vão-se tornando mais complexas, aludindo a lugares e situações. Esta tensão entre o real e o imaginário é representada através da animação no cruzamento entre as imagens reais e os desenhos, estes revelando uma dimensão mais surrealista e onírica. A maneira como o ser humano, enquanto adulto, se relaciona com as memórias da infância, e os objetos e relações interpessoais desse período, são ainda o tema de FADO DO HOMEM CRESCIDO e TIO TOMÁS – A CONTABILIDADE DOS DIAS. No filme de Pedro Brito, o encontro com um velho amigo à mesa de um café conduz um homem pelas memórias de uma infância passada num bairro popular de Lisboa. Ao som do “fado surrealista” de António Zambujo, as lembranças deste “homem crescido” desenham-se na toalha de papel da tasca, revelam-se através dos objetos e brinquedos que, numa sequência surrealista, se libertam simbolicamente da caixa onde estavam guardados. O protagonista revisita as histórias que preencheram os seus primeiros anos de vida e reconstrói as memórias do seu processo de perda de inocência. Em TIO TOMÁS- A CONTABILIDADE DOS DIAS, Regina Pessoa recorda o seu tio Tomás, uma figura importante no imaginário da sua infância. Tomás é um homem simples e modesto, preso na sua obsessão por números e no seu ímpeto de resolver o problema que levou a família à falência. O filme começa com uma dessas infinitas contagens – 7, 18, 4, 300, 1, 22, 12, 6, 32, 19, 1245, ...– ao som de um violino a ser afinado, como se se preparasse para tocar a sinfonia deste amor entre tio e sobrinha; segue-se-lhe um violino dramático e uma música intensa que se transforma nas suas alucinações numéricas. TIO TOMÁS é a concretização da vontade da realizadora em visitar as memórias afetivas e visuais da sua infância, mas também (e sobretudo) do seu desejo de mostrar “como não é preciso ser-se alguém para se ser excepcional na nossa vida.”

Sara Oliveira Duarte